

## Atuação do neuropsicólogo no contexto hospitalar e a repercussão de suas práticas para a equipe

*Actuación del neuropsicólogo em el contexto hospitalar y la repercusión de sus prácticas para el equipo*  
*L'implication du neuropsychologue dans le contexte hospitalier et l'impact de ses pratiques sur l'équipe*  
*The role of the neuropsychologist in the hospital setting and the repercussion of its practices for the staff*

Lorena Dutra Bragança<sup>1</sup>, Mariane Lima de Souza<sup>1</sup>

1. Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

### Resumo

A neuropsicologia aplicada em contexto hospitalar, especialidade emergente da Psicologia tem se mostrado extremamente relevante em estudos recentes, uma vez que as possibilidades de atuação permeiam desde fases iniciais de tratamentos cirúrgicos, a partir de avaliações cognitivas funcionais, até etapas posteriores, chegando ao processo de reabilitação neuropsicológica. Apesar disso, carece de dados mais detalhados sobre as particularidades dessa atuação junto a equipe interprofissional. Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi descrever a percepção de neuropsicólogos e profissionais da saúde que atuam em equipes hospitalares sobre a neuropsicologia hospitalar. Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa, conforme os critérios de análise da fenomenologia semiótica. Participaram 21 profissionais de hospitais da região sudeste do Brasil (nove neuropsicólogos e 12 profissionais de especialidades diversas da área da saúde) que responderam a uma entrevista semiestruturada por videoconferência. Os resultados revelaram nove diferentes temas: “A entrada no contexto hospitalar”, “Desconhecimento da área versus Valorização”, “Atribuições da área da neuropsicologia no hospital”, “Entraves financeiros”, “Processos formativos”, “Divergência de funções”, Relevância versus Custos”, “Interação entre profissionais de diferentes especialidades” e “Conhecimento sobre as atribuições do neuropsicólogo”. A discussão dos resultados pontua o desconhecimento, por parte dos profissionais da saúde, das possibilidades de contribuição da neuropsicologia hospitalar como um limitador para a inserção de profissionais nesse campo, assim como uma fragilidade na interprofissionalidade, evidenciada pela comunicação deficitária entre os membros das equipes. Conclui-se que tais achados expõem a necessidade de se repensar os processos formativos em saúde e no campo da psicologia, além de indicar a necessidade de que novos estudos explorem campos da neuropsicologia que vão além do tradicional contexto clínico.

*Palavras-chave:* neuropsicologia, neurocirurgia, ambiente hospitalar, interprofissionalidade, fenomenologia.

Artigo recebido: 31/08/2022; Artigo aceito: 21/08/2023.

Correspondências relacionadas a esse artigo devem ser enviadas a Lorena Dutra Bragança, Universidade Federal do Espírito Santo, – Av. Fernando Ferrari, 514 – Goiabeiras, Vitória – ES, – Brasil, 29075-910.

E-mail: [lorenadutrabraganca@gmail.com](mailto:lorenadutrabraganca@gmail.com)

DOI:10.5579/rml.2023.0795

## Resumen

La neuropsicología aplicada en el contexto hospitalario, una especialidad emergente de la Psicología ha demostrado ser extremadamente relevante en estudios recientes, ya que las posibilidades de intervención abarcan desde las primeras etapas de tratamientos quirúrgicos, a través de evaluaciones cognitivas funcionales, hasta etapas posteriores que llegan al proceso de rehabilitación neuropsicológica. A pesar de ello, falta disponer de datos más detallados sobre las particularidades de esta labor en el equipo interprofesional. En este sentido, el objetivo de este estudio fue describir la percepción de neuropsicólogos y profesionales de la salud que trabajan en equipos hospitalarios sobre la neuropsicología hospitalaria. Se trata de un estudio exploratorio con enfoque cualitativo, conforme a los criterios de análisis de la fenomenología semiótica. Participaron 21 profesionales de hospitales en la región sudeste de Brasil (nueve neuropsicólogos y 12 profesionales de diversas especialidades en el ámbito de la salud) que respondieron a una entrevista semiestructurada por videoconferencia. Los resultados revelaron nueve temas diferentes: "Inmersión en el contexto hospitalario", "Desconocimiento del campo frente a la Valoración", "Funciones atribuidas a la neuropsicología en el hospital", "Limitaciones financieras", "Procesos de formación", "Divergencia de funciones", "Relevancia versus Costos", "Interacción entre profesionales de diferentes especialidades" y "Conocimiento sobre las atribuciones del neuropsicólogo". La discusión de los resultados resalta el desconocimiento por parte de los profesionales de la salud acerca de las posibles contribuciones de la neuropsicología hospitalaria, lo cual limita la incorporación de profesionales en este campo, así como una debilidad en la interprofesionalidad, evidenciada por una comunicación deficiente entre los miembros de los equipos. Se concluye que estos hallazgos exponen la necesidad de replantear los procesos de formación en salud y en el ámbito de la psicología, además de señalar la importancia de que nuevos estudios exploren campos de la neuropsicología que trasciendan el contexto clínico tradicional.

*Palabras clave:* neuropsicología, neurocirugía, ambiente hospitalario, interprofesionalidad, fenomenología.

## Résumé

La neuropsychologie appliquée en contexte hospitalier, une spécialité émergente de la psychologie s'est avérée extrêmement pertinente dans des études récentes, car les possibilités d'intervention vont de la phase initiale des traitements chirurgicaux, à partir d'évaluations cognitives fonctionnelles, jusqu'aux étapes ultérieures, atteignant le processus de réhabilitation neuropsychologique. Cependant, il manque des données plus détaillées sur les particularités de cette intervention au sein de l'équipe interprofessionnelle. Dans cette optique, l'objectif de cette étude était de décrire la perception des neuropsychologues et des professionnels de la santé travaillant au sein d'équipes hospitalières concernant la neuropsychologie hospitalière. Il s'agit d'une étude exploratoire de nature qualitative, selon les critères d'analyse de la phénoménologie sémiotique. Vingt et un professionnels d'hôpitaux de la région du Sud-Est du Brésil ont participé (neuf neuropsychologues et douze professionnels de diverses spécialités médicales) qui ont répondu à une entrevue semi-structurée par vidéoconférence. Les résultats ont révélé neuf thèmes différents : « L'entrée dans le contexte hospitalier », « Méconnaissance du domaine versus Valorisation », « Attributions de la neuropsychologie à l'hôpital », « Obstacles financiers », « Processus de formation », « Divergence des fonctions », « Pertinence versus Coûts », « Interaction entre professionnels de différentes spécialités » et « Connaissance des attributions du neuropsychologue ». La discussion des résultats souligne le manque de connaissance, de la part des professionnels de la santé, des possibilités de contribution de la neuropsychologie hospitalière, ce qui limite l'intégration des professionnels dans ce domaine, ainsi qu'une fragilité dans l'interprofessionnalité, mise en évidence par une communication déficiente entre les membres des équipes. En conclusion, ces constatations mettent en lumière la nécessité de reconsidérer les processus de formation en santé et dans le domaine de la psychologie, ainsi que la nécessité pour de nouvelles études d'explorer des domaines de la neuropsychologie allant au-delà du contexte clinique traditionnel.

*Mots-clés :* neuropsychologie, neurochirurgie, environnement hospitalier, interprofessionnalité, phénoménologie.

## Abstract

Neuropsychology applied in a hospital context, an emerging expertise of Psychology has been extremely relevant in recent studies, since the possibilities of action permeate from early stages of surgical procedures, from functional cognitive assessments, to later stages, reaching the neuropsychological rehabilitation process. Despite this, there is a lack of more detailed data on the particularities of this work with the interprofessional staff. In this sense, this study aimed to describe the perception of neuropsychologists and healthcare professionals who work in hospital teams about hospital neuropsychology. This is an exploratory study with a qualitative approach, according to the analysis criteria of semiotic phenomenology. Twenty-one professionals from hospitals in the southeast region of Brazil participated (nine neuropsychologists and twelve professionals from different specialties in the healthcare area), who responded to a semi-structured interview via video conference. The results revealed nine different themes: "Hospital scenario entrance", "Ignorance of the area versus Appreciation", "Attributions of the neuropsychology in the hospital", "Financial obstacles", "Training processes", "Divergence of functions", "Relevance versus Costs", "Interaction between professionals from different specialties" and "Knowledge about the neuropsychologist's attributions". The discussion of the results points out the lack of knowledge from healthcare professionals, of the possibilities of the contribution of hospital neuropsychology as a limiting factor for the insertion of professionals in this field, as well as fragility in interprofessionality, evidenced by the deficient communication between team members. It is concluded that these findings expose the need to rethink training processes in the field of healthcare and psychology, in addition to indicate the need for further studies to explore neuropsychology fields that go beyond the traditional clinical context.

*Keywords:* neuropsychology, neurosurgery, hospital setting, interprofessionality, phenomenology.

## 1. INTRODUÇÃO

Desde 1941, com Alexander Romanovich Luria e seu trabalho no hospital de base em neurocirurgia com os feridos da 2ª Guerra Mundial, a neuropsicologia se aproxima do contexto hospitalar. As tarefas desempenhadas por Luria nesse período, envolvendo a reabilitação de soldados com traumatismos cranioencefálicos e o desenvolvimento de

métodos diagnósticos para essas lesões cerebrais, foram fundamentais ao fornecer contribuições sobre avaliação e reabilitação neuropsicológicas (Hazin et al., 2010).

A avaliação neuropsicológica é considerada hoje um procedimento fundamental, que visa investigar e esclarecer questões relacionadas ao funcionamento cognitivo, comportamental e emocional de pacientes (Malloy-Diniz et al., 2016). A partir da utilização de testes psicométricos

padronizados, escalas, questionários, observações e entrevista clínica, o neuropsicólogo é capaz de fornecer informações acerca da natureza e do grau de diversos quadros psiquiátricos e neurológicos, direcionando o processo interventivo, conhecido como reabilitação neuropsicológica (Miotto, 2012).

O treino cognitivo e as estratégias compensatórias são as técnicas mais conhecidas em se tratando do processo de reabilitação, que visa remediar, compensar ou minimizar déficits cognitivos e distúrbios motores, emocionais e comportamentais de pacientes com comprometimentos ou lesões cerebrais. Com isso, a intervenção acontece considerando as potencialidades do paciente e almejando uma maior qualidade de vida (Miotto, 2012).

O campo da neuropsicologia engloba atuações em diversos contextos específicos, como nas áreas judicial, educacional, clínica e hospitalar (Miotto, 2012). Entretanto, Wajman (2021) identificou que não existem dados atualizados sobre a quantidade de psicólogos, tampouco de neuropsicólogos, atuantes em cada área ou nos setores público e privado no Brasil.

Embora os primórdios da neuropsicologia aplicada tenham sido em contexto neurocirúrgico, com Luria e seu trabalho com os feridos de guerra, atualmente esse contexto se mostra pouco explorado, caracterizando-se como uma especialidade ainda emergente na Psicologia (Stranjalis & Liouta, 2018). Portanto, visto como um campo atual e em ascensão, o trabalho do neuropsicólogo nos hospitais carece de maiores discussões em literaturas nacional e internacional. Em estudo realizado em um hospital na Espanha por Luna-Lario et al. (2014), discutiu-se que apesar do número de neuropsicólogos ter aumentado consideravelmente nos últimos anos, hoje a especialidade ainda não está integrada em todos serviços de neurologia e neurocirurgia e que a inserção do neuropsicólogo em serviços públicos de saúde ainda está em fase de desenvolvimento.

Entretanto, a neuropsicologia pode estar presente nos diversos setores do hospital, uma vez que “o ambiente hospitalar propicia o atendimento ao paciente em consultas ambulatoriais ou em unidades de internação (enfermaria, pronto atendimento e unidade de terapia intensiva), assim como entrevistas e orientação aos cuidadores em qualquer uma dessas situações” (Adda, 2012, p.174). O neuropsicólogo é convocado pela equipe médica responsável pela investigação diagnóstica, acompanhamento e tratamento do paciente, principalmente quando existe uma pergunta sobre o funcionamento cognitivo desse indivíduo (Kernkraut et al., 2017). Quanto às suas atividades, o profissional especialista em neuropsicologia poderá auxiliar no processo diagnóstico, no acompanhamento do quadro, no tratamento, nos procedimentos pré e pós-operatórios, bem como fornecendo orientações sobre o retorno do paciente a suas atividades diárias (Adda, 2012).

Portanto, é nos centros neurocirúrgicos que existe a maior demanda de trabalho para o neuropsicólogo, que pode atuar diretamente em todas as fases do tratamento. Na etapa pré-cirúrgica, esse profissional é responsável por realizar a avaliação cognitiva funcional, com o objetivo de descrever o impacto de uma lesão nas funções cognitivas, e auxilia no diagnóstico diferencial. Durante a cirurgia, monitora a função cerebral durante eletroestimulação, com objetivo de evitar danos às áreas eloquentes. Já na etapa pós-cirúrgica, avalia os

custos e benefícios do procedimento a partir de avaliações sistemáticas, verificando e descrevendo os resultados do tratamento neurocirúrgico. Além disso, fornece aconselhamento ao paciente, à família e à equipe, norteando o processo de reabilitação (Saint-Cyr, 2003; Stranjalis & Liouta, 2018).

Dentre as particularidades da atuação no contexto hospitalar e neurocirúrgico, autores enfatizam, além do fato dos atendimentos serem realizados na beira do leito, a escolha dos instrumentos de avaliação e o tempo de duração desse procedimento. Devido à necessidade de decisões rápidas para dar prosseguimento ao tratamento do paciente que, geralmente, permanece por um curto período de tempo em internação, as avaliações neuropsicológicas precisam ser realizadas em poucos dias. Com isso, o neuropsicólogo pode optar por protocolos de avaliação mais focais e flexíveis, que se adequarão à necessidade do paciente e da equipe (Adda, 2012; Kernkraut et al., 2017).

Já o processo de reabilitação neuropsicológica acontece, prioritariamente, em setor ambulatorial, em se tratando dessa atuação em contexto hospitalar, em decorrência do caráter contínuo e prolongado desse tratamento. A reabilitação é conduzida por uma equipe interdisciplinar, sendo essencial a complementariedade dos saberes de cada especialidade para atender as demandas complexas que estes profissionais se deparam (Lazar & Festa, 2007).

Stranjalis e Liouta (2018) afirmam que a atuação do neuropsicólogo é bem estabelecida no que diz respeito ao diagnóstico de doenças neurológicas, mas pouco explorada no que tange à sua participação em procedimentos dentro do contexto hospitalar. Os autores enfatizam a importância do papel do neuropsicólogo em meio às equipes de neurocirurgia e, para isso, abordam o papel deste profissional no manejo de patologias neurocirúrgicas, citando como as principais “lesões na cabeça, tumores cerebrais, epilepsia, perturbações do movimento, derrames hemorrágicos e hidrocefalia idiopática de pressão normal (iNPH)” (p. 74).

Para esses diagnósticos e tratamentos, o profissional da neuropsicologia possui importante papel junto a equipe. Isso porque a neuropsicologia se constitui dentro do amplo universo da neurociência e, portanto, é marcada por uma forte característica interdisciplinar (Bear et al., 2002; Silva, 2020).

Contudo, enquanto o âmbito interdisciplinar se refere à integração de saberes, o interprofissional se refere à integração de práticas (Farias et al., 2018). No contexto de saúde atual cresce, portanto, o debate a respeito do conceito da interprofissionalidade, pautado em uma lógica de colaboração, interdependência entre as profissões, flexibilização de papéis e comunicação ativa, compreendendo que dessa maneira é possível alcançar o fortalecimento do sistema de saúde, o cuidado integral e uma maior resolutividade (Nunes et al., 2020).

Nesse sentido, a integração da equipe de saúde possibilita que o cuidado alcance a amplitude do sujeito, indo além da noção de multidisciplinaridade, cuja atuação é baseada em atendimentos independentes e carece de um trabalho articulado entre os componentes da equipe. A importância do trabalho realizado por equipes interprofissionais é consolidada a partir do momento em que cada profissional, com seus conhecimentos específicos, dialoga e atua de forma conjunta e complementar com cada

membro da equipe, família e paciente, de modo a zelar por uma assistência integral. Entretanto, apesar desse fato ser amplamente reconhecido, é recorrente a queixa de profissionais da saúde sobre a falta de consonância entre a equipe (Almeida & Afonso, 2020).

Considerando-se a atualidade do tema e a escassez de estudos que discutam a neuropsicologia hospitalar no Brasil em consonância com a interprofissionalidade, objetiva-se com a presente pesquisa descrever a percepção de neuropsicólogos e profissionais que atuam em equipe sobre a neuropsicologia hospitalar, de modo a compreender as possibilidades de atuação do neuropsicólogo nesse contexto e a repercussão de suas práticas para a equipe.

**2. MÉTODO**

Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa (Gil, 2002), seguindo os critérios de análise da fenomenologia semiótica (Gomes, 2007). A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (número do parecer: 5.265.541).

**Tabela 1.**  
*Caracterização dos participantes*

Participante	Especialidade	Local de atuação	Instituição	Tipo de Vínculo
P1Np-SP	Neuropsicóloga	São Paulo/SP	Universitária	Contrato
P2Np-SP	Neuropsicóloga	São Paulo/SP	Universitária	Concurso
P3Np-SP	Neuropsicóloga	São Paulo/SP	Universitária	Concurso
P4Np-RJ	Neuropsicóloga	Rio de Janeiro/RJ	Pública	Contrato
P5Np-RJ	Neuropsicóloga	Rio de Janeiro/RJ	Pública	Contrato
P6Np-RJ	Neuropsicólogo	Rio de Janeiro/RJ	Pública	Contrato
P7Np-RJ	Neuropsicólogo	Rio de Janeiro/RJ	Particular	Sem vínculo com a instituição
P8Np-ES	Neuropsicóloga	Vitória/ES	Universitária	Voluntariado
P9RNp-SP	Residente em Neuropsicologia	Bauru/SP	Universitária	Concurso
P10Ps-ES	Psicóloga	Vitória/ES	Particular	Contrato
P11Ps-ES	Psicóloga	Vitória/ES	Pública	Contrato
P12Ps-ES	Psicóloga	Vitória/ES	Pública	Contrato
P13Nc-RJ/ES	Médico Neurocirurgião	Campos dos Goytacazes/RJ e Cachoeiro de Itapemirim/ES	Pública e Particular	Contrato
P14N-ES	Médico Neurologista	Vitória/ES	Particular	Contrato
P15E-ES	Enfermeira	Vitória/ES	Particular	Contrato
P16E-ES	Enfermeira	Vitória/ES	Particular	Contrato
P17E-ES	Enfermeira	Vitória/ES	Particular	Contrato
P18E-SP	Enfermeiro residente	Bauru/SP	Universitária	Concurso
P19AS-ES	Assistente Social	Vitória/ES	Particular	Contrato
P20F-ES	Fisioterapeuta	Vitória/ES	Particular	Contrato
P21D-SP	Cirurgiã-dentista residente	Bauru/SP	Universitária	Concurso

*2.2 Instrumentos e procedimentos de coleta dos dados*

Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por meio eletrônico, os participantes responderam a uma entrevista com roteiro semiestruturado, com duração média de 40 minutos, por videoconferência. O áudio das entrevistas foi gravado, para facilitar a análise das narrativas, e posteriormente transcrito. O roteiro continha,

*2.1 Participantes*

A amostra do estudo foi composta por 21 profissionais atuantes em hospitais da região sudeste do Brasil, selecionados por amostra de conveniência, a partir de busca ativa via internet e indicações dadas pelos próprios entrevistados. Foram organizados dois diferentes grupos: neuropsicólogos e profissionais de demais especialidades. O primeiro grupo contou com nove profissionais e considerou-se como critério de inclusão possuir especialização em neuropsicologia. Já o segundo grupo foi composto por 12 profissionais de diferentes especialidades da área da saúde, que atuam ou não com neuropsicólogos. A Tabela 1 sumaria a amostra final de profissionais entrevistados, considerando a categoria profissional, o local de atuação (cidade e estado), o tipo de instituição em que atua e o tipo de vínculo que possui com a instituição. Para preservar o sigilo, os participantes foram identificados com códigos alfanuméricos, indicando sua respectiva numeração, profissão e estado em que trabalha.

inicialmente, perguntas sobre os dados gerais do participante e, em seguida, questões divididas em eixos, conforme a temática investigada.

A entrevista semiestruturada voltada para os neuropsicólogos abarcou os seguintes eixos principais: (a) conhecer brevemente a formação e o local de trabalho deste profissional; (b) compreender as atribuições e as práticas diárias deste profissional; (c) identificar os objetivos deste

profissional dentro da sua área de atuação; (d) entender como se dão as relações deste profissional com sua equipe de trabalho; (e) compreender as considerações deste profissional sobre percepções, desafios e benefícios de atuar na área hospitalar; e (f) espaço livre caso o entrevistado queira compartilhar algo a mais.

Já os demais profissionais responderam a uma entrevista semiestruturada com os seguintes eixos principais: (a) conhecer brevemente a formação e o local de trabalho deste profissional; (b) investigar as percepções e o conhecimento deste profissional sobre o trabalho do psicólogo hospitalar; (c) investigar o conhecimento e as percepções deste profissional sobre o trabalho do neuropsicólogo; (d) investigar o conhecimento e as percepções deste profissional sobre o trabalho do neuropsicólogo no ambiente hospitalar; (e) investigar as percepções gerais deste profissional sobre o trabalho em equipe interdisciplinar; e (f) espaço livre caso o entrevistado queira compartilhar algo a mais.

### 2.3 Procedimentos de análise dos dados

Os dados coletados a partir das entrevistas foram analisados à luz da fenomenologia semiótica. Esse método oferece subsídios para uma compreensão estrutural da situação, buscando conhecer e definir um fenômeno e um modo de relação circunscrito a um contexto, sendo abrangente e transparente em suas etapas analíticas. A análise fenomenológica engloba procedimentos técnicos e lógicos, que orientam, respectivamente, a obtenção e organização dos dados e a articulação racional que conduz a análise desses dados (Gomes, 2007; Lanigan, 1992).

O método analítico transcorreu ao longo de três etapas fundamentais. Na primeira, denominada descrição, objetivou-se fazer uma apropriação da realidade do modo como ela é, considerando o fato antes de qualquer análise, sendo a descrição do pesquisador uma transição entre o discurso dos participantes e o seu discurso. Dessa forma, após uma primeira demarcação de unidades de sentido nas transcrições das entrevistas dos participantes, o conjunto formado pelas unidades de sentido é reorganizado e separado em partes, constituindo novas unidades de sentido, representando a percepção dos profissionais enquanto um todo. Em seguida, na segunda etapa, denominada redução, buscou-se traçar um primeiro diálogo crítico com a síntese descritiva, que conduziu a construção da terceira etapa, chamada interpretação. Nessa última etapa, foi realizada uma análise crítica do fenômeno, interessando-se menos pelo objeto percebido em experiência primordial, avançando, então, para uma lógica de abstração e generalização do fenômeno (Gomes, 2007). Ressalta-se que, na análise fenomenológico-semiótica, os temas emergem da reflexividade dos participantes, não havendo a tentativa de enquadrar as narrativas em categorias pré-definidas (Lanigan, 1992).

## 3. RESULTADOS

A apresentação dos resultados, neste estudo, está dividida em duas sessões: descrição fenomenológica e redução fenomenológica. A descrição expõe o fenômeno tal qual experienciado, sem buscar explicar ou justificar a

experiência relatada pelo participante, enquanto que na redução há um desvelamento da estrutura do fenômeno experienciado.

### 3.1 Descrição fenomenológica

As percepções dos profissionais acerca da neuropsicologia hospitalar revelaram nove diferentes temas, sendo cinco emergentes das entrevistas com os neuropsicólogos e quatro referentes aos demais profissionais do contexto hospitalar. Os temas são descritos a seguir, acompanhados de uma ou duas falas ilustrativas e o respectivo código alfanumérico do participante.

#### 3.1.1 Percepção da neuropsicologia hospitalar pelos neuropsicólogos

##### TEMA (1). *A entrada no contexto hospitalar.*

O tema abrange percepções relacionadas ao início da atuação no campo hospitalar, englobando tanto a experiência como uma inauguração de um serviço antes desconhecido, quanto como uma expansão de uma atuação já previamente instaurada. São relatadas estratégias para que se consiga alcançar visibilidade para a área, como trabalho voluntário e aulas gratuitas em faculdades.

“É por isso que eu tenho dado tanta aula. Eu dou muita aula aqui pra faculdade. Tudo gratuito. Eles me convidam, eu vou, falo. Porque eu acho que quanto mais pessoas souberem que existe essa atuação da neuropsicologia hospitalar, maior é a minha chance no futuro, né?” (P2Np-SP).

##### TEMA (2). *Desconhecimento da área versus Valorização.*

O tema abrange tanto a percepção de que há uma valorização pela equipe, quanto uma persistente falta de entendimento de profissionais de outras áreas da relevância do trabalho do neuropsicólogo dentro do hospital. Dar visibilidade ao papel que exercem e mostrar a relevância que se tem nas decisões da equipe aparece relacionado à conquista do respeito dos profissionais de outras áreas. Há, ainda, a percepção da neuropsicologia hospitalar como área muito nova, o que justifica a dificuldade de organização no funcionamento hospitalar para que os procedimentos neuropsicológicos sejam inseridos de uma maneira aplicável, bem como a necessidade de um posicionamento constante dos neuropsicólogos com relação a contribuição de suas práticas para a instituição.

“A nossa atuação é bem recente, né?! (...) Então os profissionais falavam pra mim: ‘ah eles não querem, eles não veem necessidade’. Então é bem complicado mesmo. Se ele for o profissional ainda conservador, que se formou há muito tempo, ele sequer conhece o nosso trabalho.” (P2Np-SP).

“Eu sinto que nós somos bastante respeitados e eles nos ouvem, somos respeitados, eles entendem (...) Inclusive já demos aula para eles, já mostramos como é a avaliação, quais são os testes. Eles se mostram bastante interessados.” (P4Np-RJ).

##### TEMA (3). *Atribuições da área da neuropsicologia no hospital.*

As atribuições descritas abrangem os procedimentos pré-operatórios, incluindo avaliação funcional do paciente,

acolhimento à família e discussão com a equipe; intraoperatórios, que envolve a testagem do paciente durante uma cirurgia acordado; e pós-operatórios, quando há uma nova avaliação funcional do paciente e orientação à família. Além disso, são mencionadas avaliações fora do contexto cirúrgico, como no diagnóstico diferencial com idosos, e a produção de conhecimento, através de pesquisas científicas.

“Nós fazemos aqui avaliação pré-operatório. É uma bateria que vai focar na análise do risco cirúrgico do paciente. Então a gente faz uma avaliação um pouquinho mais direcionada. (...) Na segunda parte, é a minha atuação específica na neuropsicologia intraoperatório, quando o paciente tem que ser acordado durante a cirurgia. (...) Além disso, tem um procedimento que são avaliações pós-operatórios, para verificar as sequelas, orientar as famílias, mas também para verificar nossos próprios protocolos. E fora de ter algumas pesquisas, pesquisas acadêmicas sobre quais são os melhores protocolos para avaliar.” (P6Np-RJ).

#### TEMA (4). *Entraves financeiros.*

O tema destaca as queixas referentes às limitações decorrentes da carência de verba repassada para os procedimentos, o que impede a implementação de serviços de reabilitação, por seu caráter contínuo e prolongado, e tampouco o refinamento dos procedimentos de avaliação já existentes. Essas queixas aparecem relacionadas à falta de liberação dos procedimentos pelos planos de saúde, bem como à ausência de vagas e concursos para contratação de neuropsicólogos, especialmente no setor público. Uma outra forma de entrave é o custo do serviço, referente aos instrumentos neuropsicológicos padronizados que precisam ser custeados, e o conseqüente acesso a recursos limitados.

“Então seria muito interessante se a gente também tivesse o ambulatório de reabilitação, que era a ideia inicial quando o hospital foi aberto. (...) Sendo um hospital estadual, a verba vem do estado, então assim é complicado, financeiramente complicado.” (P4Np-RJ).

“Quando eu entrei para esse serviço, ele só me aceitou pois ele me avisou que não haveria como ele me contratar. ‘Você não vai ganhar, mas você pode ficar’. Porque de fato um dos entraves da nossa atuação é a questão financeira. O hospital tem que lhe contratar, ele vai pagar você, ele vai comprar os seus testes, ele vai comprar suas folhas de resposta, seus protocolos e isso não vai sair de outro lugar.” (P2Np-SP).

#### TEMA (5). *Processos formativos.*

As formações em Psicologia e em Neuropsicologia são percebidas como insuficientes, aparecendo relacionadas a três problemáticas centrais: ausência de disciplinas de neuropsicologia nas grades curriculares das graduações em Psicologia; enfoque limitado da neuropsicologia hospitalar nas grades das especializações em neuropsicologia; e formações breves e superficiais. O tema abrange, ainda, as estratégias usadas para que se consiga o acesso ao conhecimento, como estudar de forma independente, buscar supervisões e cursos complementares e explorar formações em outros estados com enfoque prático, como programas de residência multiprofissional.

“A especialização são dois anos e é pouco, sabe? É muito estudo, a gente tem que estudar muito. Eu acho que pela formação que eu tive, dois anos, não abordavam o hospitalar. O que eu vejo é que a formação é muito fraca. É

como eu te falei, eu acho que nós temos essa sorte de ter um supervisor que vem de outro país.” (P4Np-RJ).

### 3.1.2 Percepção da neuropsicologia hospitalar pelos outros profissionais

#### TEMA (6). *Divergência de funções.*

O tema destaca a percepção da equipe sobre a distribuição errônea de funções entre os profissionais. O desvio de funções aparece relacionado a uma falta de organização e de conhecimento das particularidades de cada especialidade pela equipe hospitalar. Aparece também uma percepção crítica de que a necessidade de suprir demandas que destoam de sua especialidade está relacionada a falta de contratação do profissional capacitado para essas demandas específicas. Nesse tema, também se destacam críticas a compreensão equivocada que alguns profissionais da equipe têm sobre a psicologia no contexto hospitalar, aparecendo tanto na percepção de médicos, quanto de psicólogos. Isso se relacionada a problemática de que a identificação de demandas de atendimento para o psicólogo ainda é muito estereotipada, sendo mais frequentemente solicitados para a resolução de conflitos intrafamiliares, do que para as principais atribuições de sua área.

“Acho que a psicologia hospitalar hoje que nós temos é usada de maneira inadequada, acabam que ficam encarregados de resolver conflitos, pra dar notícia pro paciente que o médico não quer dar. (...) Então esses profissionais são utilizados de forma inadequada, acaba tendo uma divergência de funções. Então precisa se estabelecer um pouco mais qual é a função do psicólogo.” (P14N-ES).

“(…) ter um respaldo também de algumas condutas que a gente tem que ter, onde o respaldo acaba sendo empírico a partir do conhecimento do neurocirurgião. (...) A gente tem algumas questões neurológicas, que às vezes impossibilitam a cirurgia, mas que esse trabalho [de avaliação] é neuropsicológico.” (P13Nc-RJ/ES).

#### TEMA (7). *Relevância versus Custos.*

Esse tema abrange a compreensão da relevância do profissional neuropsicólogo, isto é, o reconhecimento da necessidade de sua atuação, em contraponto com a deficiência financeira como um fator limitante para a inclusão ou expansão da área no contexto hospitalar. A necessidade dos procedimentos neuropsicológicos é mais evidente, assim como a sua falta é sentida de forma mais significativa, em dois contextos hospitalares: nos procedimentos neurocirúrgicos e em internações prolongadas. O tema abarca, também, as críticas acerca da baixa remuneração dos psicólogos hospitalares e a falta de compreensão da gestão sobre os custos e benefícios da contratação de profissionais da categoria.

“Olha, eu acho que a deficiência financeira é muito clara, isso não deixa dúvida, mas falta uma sensibilidade, uma visão de que você vai talvez gastar menos do que você imagina para você ter um retorno muito maior na frente, entende?” (P13Nc-RJ/ES).

#### TEMA (8). *Interação entre profissionais de diferentes especialidades.*

A interação é descrita tanto como bem estabelecida, quanto como ainda limitada. Aparece uma percepção crítica de que existe uma comunicação entre a equipe, mas três

fatores principais embargam o desenvolvimento dessa troca: o conhecimento limitado de alguns profissionais sobre os objetivos do trabalho do outro; a supervalorização de uma categoria em detrimento de outras, especialmente a medicina; e a falta de interesse de alguns profissionais em estabelecer trocas com o restante da equipe.

“Nas especialidades cirúrgicas eles fazem mais o deles. Então o cara opera e vai embora. Teria que manter um acompanhamento. Isso é difícil colocar na mente deles, né? Também depende do acordo que eles fazem. Então essa interação é um pouco prejudicada.” (P14N-ES).

TEMA (9). *Conhecimento sobre as atribuições do neuropsicólogo.*

O tema abrange tanto as tentativas de identificação das possíveis funções do neuropsicólogo no contexto hospitalar, quanto o desconhecimento da possibilidade de atuação do neuropsicólogo nesse contexto específico. As possíveis atribuições descritas foram: orientação ao paciente e a família sobre o processo de internação; auxílio aos pacientes neurológicos nas questões emocionais; mediação da comunicação entre pacientes com dificuldade de comunicação e equipe, a partir de recursos de comunicação alternativa; realização de avaliações pré e pós-cirúrgicas; e reabilitação de funções cognitivas.

“Olha, dentro do hospital eu acho difícil, eu realmente não vejo como ele poderia contribuir dentro do hospital.” (P14N-ES).

“Meu conhecimento é bem básico (...). Mas eu acho que, por exemplo, em avaliações, é a primeira coisa que vem na minha cabeça. Nessas avaliações pré-cirúrgicas e pós-cirúrgicas. E penso, principalmente, no pós-cirúrgico, né? Na reabilitação.” (P10Ps-ES).

### 3.2 Redução fenomenológica

A redução fenomenológica identificou o foco problemático que permeia os temas explicitados na descrição e revela como estrutura do fenômeno a divergência entre quem atua com a neuropsicologia e quem não atua, que se explicita em uma oposição conhecimento versus desconhecimento das contribuições dessa especialidade. Essa dissonância é evidente quando na percepção dos profissionais da saúde se destaca a dúvida sobre as possibilidades de atuação do neuropsicólogo hospitalar junto a equipe (tanto pelos profissionais que compõem equipes com neuropsicólogos, quanto por aqueles que nunca atuaram em contato com essa especialidade), enquanto que na percepção dos neuropsicólogos se evidencia a certeza da relevância da neuropsicologia nas decisões da equipe.

A oposição conhecimento versus desconhecimento revelada se justifica pelos déficits nos processos formativos em saúde no tocante a interprofissionalidade. Essa falha se evidencia na prática profissional, quando a comunicação e a interação entre os profissionais da equipe são deficientes, limitando a compreensão das contribuições de cada membro da equipe e o reconhecimento mútuo da relevância de cada especialidade para a construção de uma relação interdependente. Essas fragilidades enfatizam, portanto, a importância de se considerar essas lacunas para o aprimoramento das atuações em saúde.

O fato de a neuropsicologia hospitalar ser uma especialidade emergente no Brasil ajuda a compreender o seu desconhecimento pelos profissionais da saúde e pela gestão hospitalar. Esse desconhecimento culmina em entraves financeiros para a inserção e expansão dessa atuação. Além da falta de contratação, é evidente a problemática da limitação de recursos e de verba nos locais em que a neuropsicologia já começou a se instalar, inviabilizando a estruturação de um serviço mais completo.

## 4. DISCUSSÃO

### 4.1 Interpretação Fenomenológica

Na etapa de interpretação fenomenológica, intenciona-se compreender a relação entre o todo e as partes, numa busca por desvelar a essência da experiência do fenômeno. A interpretação dos temas, nesta seção, seguiu o critério lógico das aproximações significativas identificadas e não, necessariamente, a ordem de apresentação dos mesmos na descrição fenomenológica.

O tema “A entrada no contexto hospitalar” explicita a conquista gradativa de uma atuação pouco conhecida e o constante processo de expansão e busca por reconhecimento e vai ao encontro da literatura na área. Stranjalis e Liouta (2018) afirmam que a neuropsicologia hospitalar se configura como uma especialidade emergente e, portanto, encara desafios para se estabelecer e se fazer reconhecida e valorizada, tanto por outras disciplinas mais tradicionais, quanto pelo sistema de maneira geral.

Pode-se sugerir que, no contexto nacional, a problemática da busca por visibilidade se relaciona ao caráter recente que, tanto a Psicologia, quanto a neuropsicologia possuem enquanto campos do saber. O reconhecimento da Psicologia enquanto profissão no Brasil foi alcançado há apenas seis décadas, e a neuropsicologia enquanto especialidade da Psicologia possui menos de duas décadas de regulamentação (Conselho Federal de Psicologia, 2004; Lei 4.119, 1962). Nesse mesmo caminho, o tema “Desconhecimento da área versus Valorização” explicita a percepção de neuropsicólogos sobre essa necessidade de tornar a área conhecida para que se alcance o respeito esperado.

O tema “Conhecimento sobre as atribuições do neuropsicólogo” evidencia a dificuldade da equipe em compreender as características de outras especialidades e, assim como o tema “Processos formativos”, salienta a necessidade de se repensar as propostas de educação em saúde no que se refere à interprofissionalidade. Os neuropsicólogos criticam as formações em Psicologia e em neuropsicologia, destacando a insuficiência de preparo para a vivência prática da profissão e o trabalho em equipe. Esses resultados corroboram o estudo de Souza et al. (2021), ao afirmarem que, apesar da demanda na prática indicar a necessidade de uma atuação cada vez mais colaborativa, o que se tem é uma hipervalorização do específico e um serviço fragmentado. Assim, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda a Educação Interprofissional em Saúde para que se supere essa atuação isolada no âmbito de cada profissão, possibilitando o desenvolvimento do trabalho em equipe sob a

ótica da integralidade (Nunes et al., 2020). Entretanto, assim como identificado nos resultados do presente estudo, o cenário atual das práticas em saúde no Brasil ainda está distante do ideal proposto nesse modelo de educação (Souza et al., 2021).

Ainda no tema “Processos formativos”, a falta de uma formação completa aparece relacionada à necessidade de buscar de forma independente formações práticas e complementares. Esse dado se assemelha aos resultados obtidos por Baviera e Gutierrez (2021) em seu estudo que objetivou compreender a percepção de profissionais de diversas especialidades da saúde sobre fatores que permeiam a interprofissionalidade. Dentre os achados, os pesquisadores indicaram que “52% dos participantes negaram ter tido contato com experiências interdisciplinares ou interprofissionais durante a graduação, citando que, nas aulas, havia grande enfoque na formação técnica da profissão” (p. 389). Já os participantes que relataram ter tido contato, afirmaram que este ocorreu, principalmente, por meio de estágios e atividades extras.

De fato, vários são os desafios encontrados para a implementação da EIP discutidos na literatura. No Brasil, o modelo de ensino tradicional enraizado nas instituições, em que se privilegia a centralização de competências em cada profissão de forma inflexível e a passividade do aluno frente ao seu processo de aprendizado, configura-se como um limitador para a aceitação de metodologias inovadoras de educação (Batista et al., 2018). Além disso, a supervalorização do conhecimento específico de cada profissão, apesar de ser importante para uma atuação responsável, não é suficiente quando se pensa nas necessidades abrangentes e complexas encontradas na prática em saúde. Portanto, é importante, como discutido por Peduzzi (2016), que as propostas educativas sejam expandidas, de modo a contemplar não só as especificidades de cada profissão, mas também as competências de um trabalho em equipe.

No tema “Interação entre profissionais de diferentes especialidades” emergiram críticas ao interesse e conhecimento limitados de alguns profissionais da equipe sobre o trabalho dos demais, apesar de haver uma comunicação em desenvolvimento entre eles. Esse resultado parece indicar que existem dificuldades para implementar a interdependência entre as ações dos profissionais, que seria um dos aspectos fundamentais da perspectiva da interprofissionalidade enquanto modelo de trabalho. Tal perspectiva sugere que os colaboradores precisam integrar suas práticas mutuamente, de modo que compartilhem uma identidade de equipe propulsora do cuidado integral (Oliveira & Daltro, 2020). Ou seja, a interprofissionalidade revela uma lógica de ensino e de atuação pautada na relação recíproca entre os profissionais e em uma modalidade de trabalho coletivo, valorizando o aprender com o outro e sobre o outro, a partir do agrupamento das profissões em uma prática colaborativa (Batista et al., 2018). No entanto, tal lógica de atuação, na percepção dos entrevistados, parece ser prejudicada especialmente pela falta de conhecimento das especificidades que envolvem o trabalho do psicólogo hospitalar e do neuropsicólogo.

Por outro lado, o tema “Desconhecimento da área versus Valorização” revela que a valorização do

neuropsicólogo pela equipe está em processo gradativo de desenvolvimento, já sendo percebida em algumas instituições. Nesse mesmo sentido, identifica-se que esse reconhecimento está, de fato, em desenvolvimento, quando nas percepções dos profissionais de outras especialidades há uma tentativa de descrever possíveis contribuições do neuropsicólogo na equipe. Portanto, entende-se que o processo de mudança para uma nova ótica de atuação é gradativo. Estudos recentes mostram que atuações pautadas na interprofissionalidade vêm sendo incorporadas por algumas instituições com resultados positivos.

Nunes et al. (2020), por exemplo, em seu estudo com profissionais de diferentes especialidades da saúde inseridos em um programa de residência multiprofissional, que incorporou a interprofissionalidade como norteadora das atuações, buscaram compreender a rotina de trabalho e as percepções dos residentes sobre as práticas que executavam. Os entrevistados relataram que o dia a dia era marcado por decisões tomadas de maneira compartilhada e construídas coletivamente em reuniões de equipe, bem como pela flexibilidade na divisão das demandas e nas fronteiras estabelecidas entre as profissões. Os autores concluíram que ficavam evidentes as características da interprofissionalidade nas estratégias de trabalho pautadas na prática colaborativa e no reconhecimento mútuo da relevância dos profissionais envolvidos. Estudos como esse mostram que a mudança de paradigma para uma atuação mais colaborativa é uma realidade possível.

A limitação na comunicação aparece também relacionada à divisão errônea de funções na equipe, explicitada no tema “Divergência de funções” e associada à sobrecarga de trabalho. Isto é, quando a equipe não compreende as atribuições pertinentes a cada especialidade, as demandas são encaminhadas de maneira equivocada e as funções são compartilhadas de forma indiscriminada e desordenada, gerando uma sobrecarga de trabalho para alguns profissionais. Na literatura essa sobrecarga aparece correlacionada a maiores chances de desenvolvimento de distúrbios emocionais como a Síndrome de Burnout. O estudo de Dutra et al. (2018), com residentes médicos, encontrou como um dos resultados a presença de níveis elevados de exaustão emocional, que se relaciona à sensação de estar sobrecarregado e esgotado nos âmbitos físicos e emocionais, e como consequência destacaram o prejuízo na qualidade de vida e na atuação desses profissionais.

Esse achado se aproxima ao encontrado na presente pesquisa e especialmente pontuado na percepção de profissionais da medicina, ao afirmarem que precisam realizar funções que poderiam ser realizadas por neuropsicólogos, como a avaliação de funções neurocognitivas para o respaldo de decisões cirúrgicas. Essa problemática aparece relacionada à falta de contratação dos profissionais necessários e é compreendida como um limitador para maiores ganhos com os pacientes.

Nesse sentido, o tema “Entraves financeiros” revelou aspectos fundamentais da percepção dos neuropsicólogos, de forma muito semelhante à evidenciada pelos demais profissionais no tema “Relevância X Custos”. Os dois temas abrangem críticas à escassez de verba destinada à área da saúde, bem como críticas aos empasses com os planos de saúde no que tange à liberação de procedimentos e à falta de



contratação decorrente do desconhecimento da importância da área da neuropsicologia. Além disso, o estigma de que o profissional da neuropsicologia será muito custoso para a instituição, por conta dos instrumentos psicológicos padronizados que precisarão ser custeados, aparece como um desafio para que a área se estabeleça nas instituições hospitalares, na percepção dos neuropsicólogos.

Esse último aspecto pode ser explicado pela visão restrita que profissionais da saúde, de um modo geral, têm sobre a neuropsicologia, com foco na crença de que o neuropsicólogo atua apenas aplicando testes, desconsiderando outras possibilidades (Haase et al., 2012). Porém, é preciso destacar que “o teste é uma ferramenta útil ao neuropsicólogo, mas a prática em Neuropsicologia não se reduz ao seu uso. (...) Desta forma, salienta-se que a AN [avaliação neuropsicológica] é muito mais ampla, complexa e teoricamente embasada do que a simples aplicação de testes” (Haase et al., 2012, p.6). O tema “Atribuições da área da neuropsicologia no hospital” deixa evidente, por outro lado, que os profissionais da área da psicologia entendem a diversidade das possibilidades de atuação do neuropsicólogo no contexto hospitalar, que vão desde o processo de psicoeducação com paciente, família e equipe, até o processo de reabilitação neuropsicológica.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados sugerem uma fragilidade nas relações interprofissionais em hospitais na região sudeste do Brasil, mas também indicativos de que profissionais vêm identificando essas lacunas, repensando as práticas diárias e buscando caminhos para se adaptar às demandas. Isso revela a importância de se repensar, primeiramente, os processos formativos na área da saúde, de modo a possibilitar uma educação mais alinhada à realidade prática das profissões e às diretrizes recomendados pela OMS.

Por fim, a pesquisa sugere que especialidades emergentes, como a neuropsicologia hospitalar, tendem a trilhar um caminho desafiador até o reconhecimento e a valorização, exigindo que os profissionais da área se engajem em formas de disseminar informações sobre as suas atribuições, para se fazerem conhecidos. Ainda, há um olhar limitado em torno da neuropsicologia, indicando a necessidade de se explorar as possibilidades diversas que essa especialidade pode oferecer em diferentes campos, além do tradicional contexto clínico.

### Referências / Referencias

- Adda, C. C. (2012). Neuropsicologia no contexto hospitalar. Em E.C. Miotto, M.C.S. de Lucia, M. Scaff (Ed.), *Neuropsicologia e as interfaces com as neurociências* (pp.173-175). Casa do Psicólogo.
- Almeida, L. A., & Afonso, M. L. M. (2020). O diálogo interdisciplinar no Cras: desafios para a equipe multidisciplinar de proteção social básica. *Brazilian Journal of Development*, 6(12), 96785-96804. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n12-246>
- Batista, N. A., Rossit, R. A. S., Batista, S. H. S. de, Silva, C. C. Baptista da, & Uchôa-Figueiredo, L. da R. (2018). Educação interprofissional na formação em Saúde: a experiência da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, Santos, Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 22, 1705-1715. <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0693>
- Baviera, B.V., & Gutierrez, B. A. O. (2021). Interdisciplinaridade e interprofissionalidade no atendimento de saúde da pessoa idosa. *Revista Kairós-Gerontologia*, 24(29), 385-404. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2021v24i0p385-404>
- Bear, M. F., Connors, B. W., & Paradiso, M. A. (2002). *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. Artmed.
- Conselho Federal de Psicologia (2004). Resolução CFP nº 2/2004. CFP. [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2004\\_2.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2004_2.pdf)
- Dutra, H. S., Gomes, P. A. L., Garcia, R. N., Oliveira, H. C., Freitas, S. C. de., & Guirardello, E. de B. (2018). Burnout entre profissionais de enfermagem em hospitais no Brasil. *Revista Cuidarte*, 10(1), e585. <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v10i1.585>
- Farias, D. N. de, Ribeiro, K. S. Q. S., Anjos, U. U. dos, & Brito, G. E. G. de. (2018). Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade na Estratégia Saúde da Família. *Trab.Educ.Saúde*, 16(1), 141-162. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00098>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª Edição). Atlas.
- Gomes, W. B. (2007). Distinção entre procedimentos técnico e lógico na análise fenomenológica. *Revista Abordagem Gestáltica*, 13(2), 228-240. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a07.pdf>
- Haase, V. G., Salles, J. F.de., Miranda, M. C., Malloy-Diniz, L., Abreu, N., Argollo, N., Mansur, L. L., Parente, M. A. de M. P., Fonseca, R. P., Mattos, P., Landeira-Fernandez, J., Caixeta, L. F., Nitri, R., Caramelli, P., Teixeira Junior, A. L., Grassi-Oliveira, R., Christensen, C. H., Brandão, L., Silva Filho, H C. da S. ... & Bueno, O. F. A. (2012). Neuropsicologia como ciência interdisciplinar: consenso da comunidade brasileira de pesquisadores/clínicos em Neuropsicologia. *Neuropsicologia Latinoamericana*, 4(4), 1-8. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnl/v4n4/v4n4a01.pdf>
- Hazin, I., Leitão, S., Garcia, D., Lemos, C., & Gomes, E. (2010). Contribuições da Neuropsicologia de Alexandr Romanovich Luria para o debate contemporâneo sobre relações mente-cérebro. *Mnemosine*, 6(1), 88-110. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41517/28786>
- Kernkraut, A. M., Silva, A. L. M. da., & Gibello, J. (2017). *O psicólogo no hospital: da prática assistencial à gestão de serviço*. Blucher.
- Lanigan, R. (1992). *The human science of communicology a Phenomenology of discourse in Foucault and Merleau-Ponty*. Duquesne University Press.
- Lazar, R. M., & Festa, J. R. (2007). *Neurovascular neuropsychology*. Springer.
- Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. (1962). *Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo*. Presidência da República. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/14119.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14119.htm)
- Luna-Lario, P., Seijas-Gómez, R., & Carnés-Vendrell, A. (2014). Papel del neuropsicólogo en los servicios de neurología: estudio descriptivo de los usuarios de la consulta especializada de evaluación neuropsicológica del Complejo Hospitalario de Navarra en su primer año de funcionamiento. *Revista de Neurologia*, 59(12), 529-36. <https://doi.org/10.33588/rn.5912.2014327>

- Malloy-Diniz, L. F., Mattos, P., Abreu, N., & Fuentes, D. (2016). *Neuropsicologia: aplicações clínicas*. Artmed.
- Miotto, E. C. (2012). Neuropsicologia: conceitos fundamentais. Em E. C. Miotto, M. C. S. de Lucia, M. Scaff (Ed.), *Neuropsicologia e as interfaces com as neurociências* (pp.149-155). Casa do Psicólogo.
- Nunes, A. de S., Mângia, E. F., & Lima, H. A. (2020). Educação interprofissional em saúde e prática colaborativa: uma experiência na formação de residentes. *Rev. Ter. Ocup. Univ.*, 31(1-3), 60-68. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v31i1-3p60-68>
- Oliveira, G. M., & Daltro, M. R. (2020). “Coringas do cuidado”: o exercício da interprofissionalidade no contexto da saúde mental. *Saúde em Debate*, 44(3), 82-94. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E309>
- Peduzzi, M. (2016). O SUS é interprofissional. *Interface-Comunicação, Saúde, Comunicação*, 20(56), 199-201. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0383>
- Saint-Cyr, J. A. (2003). Neuropsychology for movement disorders neurosurgery. *Canadian Journal of Neurological Sciences*, 30(1), 83-93. <https://doi.org/10.1017/s0317167100003280>
- Silva, D. B. P. da. (2020). A neuropsicologia na atualidade e suas contribuições. *Portal dos Psicólogos*. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1404.pdf>
- Souza, M. P. de., Alves, A. C. B., Pinto, M. P. P., & Riberto, M. (2021). Abordagem sobre o ensino interdisciplinar e interprofissional em uma Faculdade de Medicina Brasileira. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 54(2), e-178780. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.rmrp.2021.178780>
- Stranjalis, G., & Liouta, E. (2018). Specialization in neurosurgical-neuropsychology. *Dialogues in Clinical Neuroscience & Mental Health*, 1(2), 74-78. <https://www.obrela-journal.gr/index.php/obrela/article/view/25/47>
- Wajman, J. R. (2021). Neuropsicologia clínica: notas históricas, fundamentos teórico-metodológicos e diretrizes para formação profissional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, 1-11. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37215>